

# AS TRANSFORMAÇÕES DO “MUNDO DO CRIME” NA AMAZÔNIA PARAENSE: ANÁLISE A PARTIR DE UM ESTUDO EM UM BAIRRO NEGRO NO BAIXO TOCANTINS/PA

**THE TRANSFORMATIONS OF CRIME IN THE PARÁ AMAZON: ANALYSIS FROM A STUDY IN A BLACK NEIGHBORHOOD IN BAIXO TOCANTINS/PA**

**Amanda Laysi Pimentel dos Santos<sup>1</sup>**  

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUCRJ, Rio de Janeiro/RJ

E-mail: pimentel.amanda9@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10957571>

**Resumo:** O artigo examina as transformações ocorridas no “mundo do crime” na região do Baixo Tocantins/Pará a partir da análise das mudanças das dinâmicas criminais vividas em um bairro negro no município de Igarapé-Miri. Para tanto, utiliza dados coletados durante uma pesquisa de iniciação científica e de mestrado, a qual identificou que, no início dos anos 2000, o bairro foi caracterizado por um alto número de homicídios, passando em seguida a ser marcado pela entrada de facções atuando em seu território e mais recentemente pela formação de um comércio ilegal de drogas. Da análise do material, concluímos que as dinâmicas criminais se modificaram na região e no bairro a partir da vinculação de jovens a atividades ilegais e através da destituição de seus status sociais por meio da conjugação de suas características raciais e socioeconômicas.

**Palavras-chave:** Mercados ilegais; Dinâmicas criminais; Raça.

**Abstract:** The article examines the transformations that have taken place in crime in the Baixo Tocantins/Pará region, based on an analysis of the changes in criminal dynamics experienced in a black neighborhood in the municipality of Igarapé-Miri. To this end, it uses data collected during an undergraduate and master's research project, which identified that, in the early 2000s, the neighborhood was characterized by a high number of homicides, then became marked by the entry of factions operating in its territory and, more recently, by the formation of an illegal drug trade. From the analysis of the material, we conclude that criminal dynamics have changed in the region and in the neighborhood because of young people being linked to illegal activities and their social status being stripped away through the combination of their racial and socioeconomic characteristics.

**Keywords:** Illegal markets; Criminal dynamics; Race.

## 1. Introdução

O presente trabalho é fruto de uma agenda de pesquisa sobre violência e criminalidade na Amazônia Paraense e utiliza informações coletadas em uma pesquisa de iniciação científica e de mestrado desenvolvida no município de Igarapé-Miri, na região do Baixo Tocantins no Pará, voltada a analisar a trajetória de uma família negra de classe popular, fundadora de um bairro conhecido como “África”, em especial sobre as suas gerações mais recentes, marcadas pelo envolvimento com atividades ilícitas e pelo intenso contato com instituições da justiça criminal e da segurança pública.

A família que deu origem ao bairro e que foi foco de análise da dissertação de mestrado — os Santos — é uma família de descendente de escravizados da região e carrega consigo uma série de marcas que a caracterizam desde suas gerações passadas até as atuais: dos trabalhos em engenhos e seringais às dificuldades enfrentadas para se movimentar no interior das novas estruturas sociais emergentes, passando em sua mais recente geração a um intenso contato com as instituições do sistema de justiça criminal. A história da família possibilitou-me pensar como o racismo reaparece sob novas formas após mudanças sociais significativas e sobre como impacta fortemente a trajetória de seus descendentes.

Embora a pesquisa estivesse originalmente concentrada na análise

transgeracional das três últimas gerações da família, a situação dos componentes da geração mais nova despertou-me atenção durante o campo, especialmente porque parte deles, quase todos homens, encontrava-se morta e outra parcela significativa participava ativamente do mercado da venda de droga e integrava o Comando Vermelho, uma das organizações criminosas que na última década adentrou e consolidou sua atuação no território amazônico.

Da análise do material coletado, composto majoritariamente por entrevistas realizadas com moradores e familiares de vítimas e de pessoas com envolvimento em atividades ilícitas, identifiquei que o bairro viveu uma série de transformações em suas dinâmicas criminais, sobretudo em três momentos específicos: i) no contexto do alto número de homicídios que acometeu o bairro entre 1990 e os anos iniciais de 2000; ii) na entrada de facções criminosas atuando no bairro a partir de 2010; iii) e mais recentemente, na estruturação de um comércio ilegal de drogas.

As transformações das dinâmicas criminais citadas acima demarcam, ao meu ver, não apenas uma mudança nos mercados ilegais — compreendido aqui como um tipo de mercado informal sob o qual recai o peso diferencial da criminalização e um tratamento social e jurídico distinto de outras práticas ilícitas socialmente toleradas (Misse, 2007) — mas igualmente modificações

<sup>1</sup> Mestre em Direito pela PUC-Rio e Graduada em Direito pela UFPA. Advogada e Consultora em Direitos Humanos. Pesquisadora do Núcleo de Justiça Racial e Direito. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119692753802474>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4728-0789>.

impostas pela expansão do “mundo do crime” em periferias e favelas no Brasil, sobretudo entre jovens. A noção de “mundo do crime” é mobilizada aqui na acepção trabalhada por Feltran (2011) e Amorim e Feltran (2023), que a compreendem não apenas como uma categoria nativa utilizada para dar sentido às relações e práticas estabelecidas na dita criminalidade comum, mas antes como um conjunto de códigos e sociabilidades que se estabelecem localmente em torno dos negócios ilícitos e que tem se apresentado para jovens moradores de periferias como uma alternativa de mobilidade social.

Nessa esteira, parto da hipótese que as mudanças identificadas nas dinâmicas criminais do bairro ocorrem não apenas a partir das transformações exógenas dos mercados informais, mas principalmente a partir da vinculação de jovens a atividades ilegais, através da destituição de seus status sociais por meio da conjugação de suas características raciais e socioeconômicas.

## 2. O Bairro da África: as origens e as transformações de um bairro negro

O Bairro da África, localizado na cidade de Igarapé-Miri, no interior do estado do Pará, é uma área urbana do município que recebeu esse nome em função dos membros de uma família negra oriunda dos rios circundantes ao município, que migrou para essa localidade na metade da década de 1960. Ao chegarem, motivados pelo desejo de estudar e trabalhar, foi-lhes dito por moradores das proximidades que pareciam que estavam chegando à África, já que todos os seus membros eram negros retintos. Desde então, aquele pequena circunscrição passou a ser conhecida como o “Bairro da África” e embora seja denominada dessa forma, é composta, na verdade, por apenas uma rua (oficialmente denominada “Rui Barbosa”), longe portanto, de configurar como um espaço territorial grande como a palavra bairro pode fazer soar.

Em virtude disso, a identidade do bairro sempre foi acionada a partir de referências ao aspecto racial, muito embora nos últimos anos moradores de outras etnias também nela tenham se estabelecido. Na época em que a rua passou a se chamar “África”, ela ainda contava com um número de moradores reduzido, porém sua vinculação à presença intensa de negros fez com que uma pequena dimensão territorial se transformasse em um “bairro” na percepção dos moradores, que se sentiam, desde então, apartados da maior parte da cidade, como afirmado por um dos seus moradores mais antigos:

Só tinha uma família branca aqui, mas eles eram pobres, o resto era tudo preto. Era separado mesmo as cores, do branco e do preto. Tanto que hoje ainda tem essa descendência que o pessoal fica meio retraído. Pode passar gente aqui, que nem diz “bom dia” pra nós.

Entre 1960 e 1980, o bairro se expandiu e adquiriu melhorias estruturais, transformando sua paisagem urbana: onde antes existiam apenas pontes e canais de rios — estrutura encontrada quando a família chega à localidade — passou a dar lugar a comércios, lojas e igrejas. O bairro adquiriu, portanto, uma estrutura maior e foi acompanhando o crescimento da cidade. A partir do início dos anos 1990, à medida em que o bairro e a cidade cresciam, passaram a emergir como problemas públicos a violência e a criminalidade, a partir do surgimento de “gângues” e “disputas” de grupos rivais, impondo aos bairros populares da cidade uma nova realidade.

O uso crescente de armas e o envolvimento cada vez maior de jovens em gângues nos bairros de Igarapé-Miri demarcaram outro cenário para a cidade. Nesse período, tornou-se comum encontrar grupos de jovens organizando-se para entrar em “disputas” entre si, utilizando como armas instrumentos caseiros feitos à mão. As brigas geraram uma rivalidade entre bairros da cidade, o que fez com que houvesse uma restrição do ir e vir dos componentes das gângues, que não podiam passar dos limites do próprio bairro, sob pena de sofrerem agressões ou até mesmo de morrerem.

No Bairro da África, as gângues aglomeraram uma grande quantidade de jovens. Segundo os familiares de jovens que compunham as gângues da época, a entrada nas gângues estava ligada aos poucos recursos das famílias, que não conseguiam oferecer aos filhos melhores condições de vida, o que fazia com que se atraíssem por outras oportunidades.

Nessa época, a gente enfrentava muita dificuldade, meu marido trabalhava assalariado, ganhava um salário mínimo e eu dava pra ele 5, 10 reais e ele falava pra mim que como era só isso, ele mesmo dava pra ele. Mas com o passar do tempo, começaram a andar atrás dele, pra querer bater, brigar, porque nessa época era só briga. No começo, dessa rivalidade, foi só confusão, só briga mesmo. Era só braço, eu cheguei a ver briga deles, eles arrancando mató do chão, arrancando mató com aquela bola de lama e jogavam no outro. Até então, não havia morte assim. Mas com o passar do tempo, começaram a fazer cospe-chumbo, começaram a usar terçado, essas armas caseiras, que acabou contribuindo pra que a coisa fosse ficando mais complicada (Mãe de um membro de ganguê).

Uma das principais consequências da existência das gângues na cidade foi, como se verá a seguir, a vinculação dos seus componentes a atividades ilegais, o que levou a um processo de escalada dos conflitos violentos e que se expressou sobretudo na elevação do número de homicídios jovens da localidade.

## 3. “Aqui morre muita gente”: os homicídios em um contexto de virada dos mercados ilegais

Uma das informações recorrentes sobre o bairro — que originou, inclusive, o interesse em realizar uma pesquisa sobre o local — refere-se à quantidade de mortes de jovens ocorridas em um intervalo de tempo curto nesse território. Através de entrevistas com moradores do bairro e com familiares de vítimas, identifiquei que, entre 2005 e 2018, ocorreram 26 mortes no bairro, ocasionadas por motivos diversos: brigas com “gângues” rivais, desentendimentos cotidianos, assaltos e descumprimentos de regras acordadas no comércio de drogas. As razões que acompanham as mortes — diferentes entre si — demarcam momentos diferentes dos mercados ilegais e da criminalidade no bairro, na cidade e na região. A seguir, demonstramos como essas transformações ocorreram a partir da modificação do número de mortes na localidade.

Para ilustrar a situação ocorrida no Bairro da África, apresento o caso de um dos primeiros jovens mortos violentamente no bairro, Marcus — nome, assim como os demais apresentados no texto, é fictício —, assassinado dormindo por perpetradores anônimos, em 2003. Até os dias de hoje, não se sabe o “motivo” da morte, assim como seus “autores”. Entre as versões apontadas como possíveis razões estão integrantes de outra ganguê e até mesmo brigas com a polícia. As justificativas são ligadas ao seu antigo envolvimento nas gângues da cidade, sendo por vezes classificado como “usuário” e outras vezes como “traficante”. Nesse período, o “tráfico”, enquanto representação nativa, começava a emergir na cena junto com as “gângues” e as representações sobre Marcus ficam no meio-termo entre ambas.

O relato de sua mãe, Mariana, constrói uma narrativa sobre os dois elementos que passam a acompanhar o assassinato — o anonimato e a degradação do status social da vítima.

Assim, eu ouvi alguns boatos sobre a morte do meu filho, que eu não sei qual é o verdadeiro. Teve gente que falou que ele estava vendendo [drogas], teve gente que falou que era porque ele era usuário. [...] Na época da morte dele, teve tanto comentário, um era de que ele estava vendendo droga, dizendo que foi por briga de território, outro que foi por causa de uma menina que ele andava. São tantos comentários que eu não sei qual foi o verdadeiro.

A degradação da condição social do assassinado e de seus familiares, perspectivada através da descrição de Mariana sobre Marcus, é comum em todos os casos que ocorreram em África, assim como é uma marca dos casos de homicídios no Brasil, caracterizados pela rotulação e pela incriminação do morto enquanto um tipo criminal (Misse, 2011) e que constituem uma expressão da racialização desses episódios (Núcleo de Justiça Racial e Direito, 2022).

Além de Marcus, foram contabilizadas mais 25 mortes de jovens no bairro — quase todos homens — os quais morreram por motivos distintos, mas que demonstram como as dinâmicas criminais foram se modificando na região: Naiara e Claudio, por exemplo, eram casados e tinham filhos. Segundo relatos, Naiara foi possivelmente morta por uma “ganguê rival” de outro bairro da cidade, que rivalizava com os membros da “ganguê da África”, da qual seu marido fez parte, sendo morto também por um “grupo rival”, durante uma festa. Pedro, por sua vez, era considerado um pequeno traficante e um remanescente das antigas “gângues”, sendo morto aos 32 anos com tiros enquanto estava sentado em frente a sua casa.

Assim como Marcus, esses jovens foram mortos em um contexto de mudança dos mercados ilegais no estado do Pará. Na virada dos anos 2000, esses mercados tiveram uma transformação na visibilidade de suas práticas: enquanto em 1990, as práticas criminais se expressavam nas invasões urbanas e nas gângues que se envolviam em conflitos violentos (as “disputas”), a partir de 2000, o tráfico de drogas, os furtos e roubos começaram a se tornar práticas mais visíveis, estruturando novos mercados ilegais (Deluchey, 2000).

Esse contexto de transição entre as gângues e a formação de um mercado de drogas, aliado ao crescimento do acesso a armas e a um maior número de crimes patrimoniais, fez com que o número de homicídios se exacerbasse. Esse cenário de alto número de homicídios se faz presente na realidade paraense a partir do início dos anos 2000 e perdura, pelo menos, até os anos iniciais da década de 2010 (Pimentel; Queiroz, 2022).

Em Igarapé-Miri, o contexto de mortes e dinâmicas criminais começou a se modificar a partir desse período, especialmente com a emergência de uma nova estratégia de reprodução que surgiu como resposta ao cenário anterior: a regulação das mortes no “crime”, realizado pelo Comando Vermelho.

#### 4. “[...] não morre [mais] ninguém assim de morte matada, o crime assim parou”: o Comando Vermelho e a nova economia do crime

Olha, aqui da África, acho que faz uns dois anos que não morre ninguém, assim de morte matada, o crime assim parou. Eu só eu assisti umas cinco mortes, do cara cair assim na minha frente. [...] Veio uma ordem do presídio e mataram o cara, foi o mesmo cara que matou o Lucas, sabe (morador do Bairro da África).

Apesar de o bairro ter vivido uma alta do número de homicídios, a partir de 2010, percebe-se uma mudança na organização das dinâmicas criminais, ao mesmo tempo em que novos atores passam a compor a paisagem da região. Se antes quem dava a tônica da gestão dos ilegalismos nesses territórios eram as gangues e um mercado inicial de drogas que começava a se formar, a partir desse momento foram facções criminosas que passaram a organizar o modo através do qual a criminalidade atua.

Em Igarapé-Miri, assim como em outros municípios do estado do Pará, o Comando Vermelho emergiu como uma instância legítima. Assim como no caso paulista, em que o Primeiro Comando da Capital (PCC) apareceu como instância reguladora dos conflitos letais, apontado pela literatura (Biondi, 2010; Manso, 2012) como uma das principais causas da diminuição dos homicídios, a entrada do Comando Vermelho também pareceu gerar consequências semelhantes. Alguns entrevistados apontaram que a entrada dessa organização no bairro impôs uma nova organização dos seus arranjos criminais, como imposição de regras para garantir que a venda não fosse interrompida.

Mais do que organizar as relações em torno do comércio de drogas, o Comando Vermelho realiza uma regulação maior, mediando o modo como as pessoas com envolvimento com o crime agem e até mesmo o cotidiano das comunidades em que atuam. A morte de um rapaz por ordem do Comando Vermelho, enquanto realizava a pesquisa de campo, é bastante representativa desse cenário.

Uma das principais interlocutoras da pesquisa foi quem me informou que havia ocorrido uma morte no bairro ao lado, de um amigo dos “meninos da África”. Em suas palavras, a situação estava muito difícil, porque “o próprio crime organizado quem manda matar agora”. A morte a que ela se referiu é do jovem Murilo, que ocorreu em função de um assalto que ele realizou a uma família de ribeirinhos e que resultou na morte de um casal que estava na casa no momento do assalto.

Pois é, foi ele que assaltou lá e matou esse casal. Ele já matou muita gente, muita gente! Mas dessa vez, veio ordem pra matar ele. Esse

último assalto que ele fez foi numa área proibida pelo pessoal do Comando e eles resolveram mandar matar ele. Fizeram a conferência e decidiram que ele tinha que morrer (moradora do bairro da África).

As conferências são espaços de tomadas de decisão por parte dos membros do Comando Vermelho. Nelas decidem sobre questões variadas, que incluem principalmente decisões sobre punições cometidas por membros das redes criminosas. Segundo os interlocutores ouvidos, as notícias sobre as conferências são repassadas na comunidade pelas esposas dos rapazes envolvidos com o crime no bairro, as quais, por sua vez, sabem dessas informações por conta da proximidade com seus companheiros e acabam comentando entre si e com outras pessoas da família e do bairro, por meio de fofocas e conversas informais.

As “conferências” do Comando Vermelho têm funções similares aos “tribunais” do PCC: são procedimentos reconhecidos nas redes sociais do “crime” como formas legítimas de regulação das trocas de mortes (Feltran, 2008): o jovem é morto na prisão pela ordem vinda de uma “conferência” por seu ato ter sido considerado como injustificado. Assim, embora mortes ainda ocorram no bairro e na região, elas se encontram em um estado de forças mais equilibrado a partir da atuação dessas novas instâncias de regulação. Como analisado em outro artigo, o ato de matar ou morrer depende, em certa medida, da atuação dessa instância (Pimentel; Queiroz, 2022).

A possibilidade de “paz” mediada através da atuação do Comando Vermelho, no entanto, não é recurso mobilizado de modo isolado pelas redes criminais, mas antes ocorre a partir do acionamento de outras redes, como as redes prisionais e até mesmo familiares.

#### 5. Conclusão

Da análise do material coletado na pesquisa, foi identificado que as mudanças ocorridas nas dinâmicas criminais nas últimas duas décadas na cidade de Igarapé-Miri e na região não configuram apenas mudanças estruturais dos mercados de ilícitos, mas antes são possibilitadas pela forma como o crime se relaciona com as comunidades em que atua, em especial através das relações que estabelecem com os jovens residentes nesses territórios.

Através de entrevistas realizadas com moradores do bairro e com familiares de vítimas de violência, entende-se que as condições raciais e socioeconômicas do bairro e de seus moradores, expressa não apenas na história de formação territorial dessa localidade, mas igualmente no modo como as mortes ocorridas são encaradas socialmente, são fatores importantes na vinculação da juventude às atividades ilegais e que contribuíram para as mudanças ocorridas na criminalidade atuante na região.

#### Informações adicionais e declarações da autora (integridade científica)

**Declaração de conflito de interesses:** a autora confirma que não há conflitos de interesses na condução desta pesquisa e na redação deste artigo.  
**Declaração de autoria:** todos e somente os pesquisadores que cumprem os requisitos de autoria deste artigo são listados como autores; todos os coautores são totalmente responsáveis por este trabalho em sua totalidade.

#### Como citar (ABNT Brasil):

SANTOS, A. L. P. As transformações do “Mundo do Crime” na Amazônia Paraense: análise a partir de um estudo em um Bairro Negro no Baixo

**Declaração de originalidade:** a autora garantiu que o texto aqui publicado não foi publicado anteriormente em nenhum outro recurso e que futuras republicações somente ocorrerão com a indicação expressa da referência desta publicação original; ela também atesta que não há plágio de terceiros ou autoplagio.

Tocantins/PA. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, v. 32, n. 378, p. 31-33, 2024. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10957571>

#### Referências

AMORIM, Adson Ney; FELTRAN, Gabriel de Santis. Ordem e progresso: expansão do mundo do crime e projetos de mobilidade. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 42 n. 1, p. 21-38, 2023. <https://doi.org/10.25091/S01013300202300010002>

BIONDI, Karina. *Junto e misturado*: uma etnografia do PCC. São Paulo, Terceiro Nome, 2010.

DELUCHÉY, Jean-François. *Sécurité Publique et Ordre Démocratique au Brésil L'Etat du Pará*. 2000. Tese (Doutorado) – Curso de Sciences Politiques, Etudes des Societes Latino-Americaines, Université Paris, Paris, 2000. Disponível em: <https://theses.fr/2000PA030116>. Acesso em: 14 abr. 2024.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão*: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FELTRAN, Gabriel. O legítimo em disputa: As fronteiras do ‘mundo do crime’ nas periferias de São Paulo. *Dilemas*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 93-126, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7136>. Acesso em: 14 abr. 2024.

MANSO, Bruno Paes. *Crescimento e Queda dos Homicídios em SP entre 1960 e 2010*: Uma análise dos mecanismos da escolha homicida e das carreiras no

crime. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012. <https://doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-12122012-105928>

MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Avançados*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 61, p. 139-157, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000300010>

MISSE, Michel. *Autos de resistência*: Uma análise dos homicídios cometidos por policiais na cidade do Rio de Janeiro (2001-2011). Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

NÚCLEO DE JUSTIÇA RACIAL E DIREITO. *Desafios da Responsabilidade Estatal pela Letalidade de Jovens Negros*: Contextos Sociais e Narrativas Legais no Brasil (1992-2020). Nota Técnica, 2022.

PIMENTEL, Amanda; QUEIROZ, Gustavo. A emergência de milícias e facções criminosas no Pará (2000 e 2019). In: FREITAS, Felipe da Silva (Org.). *Violência no Brasil*: desafio das periferias. Fundação Perseu Abramo, 2022. p. 127-147. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2022/12/Violencia-no-Brasil-Final-1.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.